

exatamente o que de novo senti diante dos seus trabalhos. A visão brota inteira nela, e como tal é transposta para a tela. Os seus acordes cromáticos são inesquecíveis.

Muito boa igualmente as dez telas de Alberto Teixeira. O seu mundo cria um horizonte em que envolvem as suas visões: em geral êle divide o fundo, usando uma superfície lisa de uma só côr. A excelente técnica e a fôrça visionária nos dão a impressão de estar diante de extensões pré-históricas. Fantásticas, fortes e delicadas a um tempo, desatam-se as côres, que reluzem como pedras preciosas.

DARCY PENTEADO Conhecido desenhista e ilustrador, expõe desta vez doze desenhos a esmalte sôbre papel e tela. Um único desenho prôpriamente dito encontra-se na sua exposição, e é o "Leit motiv" de Darcy: menino com bicicleta. Cada vez mais, nêstes trabalhos, o artista mal acena para a forma da bicicleta, que se dissolve em puro ritmo. Cada vez mais chega a uma síntese, a uma abstração, em que a realidade ressoa como um eco distante. Escreveu Lourival Gomes Machado, apresentando a obra de Darcy, que "a matéria e os dados sensíveis, ao invés de curvarem-se à sugestão das reminiscências, servem para a construção de um ente gráfico, de uma não figura, destinada em todos os sentidos a substituir a figura."

Interessante como Darcy explica a sua técnica: "Substitui o pincel por um conta-gôtas adaptado a uma seringa de borracha, para a aplicação do nanquim." Belíssima a pureza dêsses desenhos, que, partindo do objeto, chegaram à sua abstração.

Bela e unitária exposição, que mostra como os quatro artistas aprofundaram e ampliaram a sua visão.

MUSEU DE ARTE MODERNA DE SÃO PAULO A primeira exposição neoconcreta realizou-se março 1959 no Museu de Arte Moderna do Rio, e dela participaram muitos dos artistas que agora expõe aqui. A segunda também se realizou no Rio em 1960, no Ministério da Educação. Embora o público paulista tenha tido freqüentemente ocasião de ver quadros e esculturas neoconcretas em exposições coletivas e na Bienal, é a primeira vez que se exhibe na nossa cidade uma mostra inteiramente neo-concreta, riquíssima nos seus vários aspectos.

A nosso ver, é sômente através de uma exposição inteira que se pode apresentar ao público todo o "esprit" do neoconcretismo. Ôtímadamente instalados, os trabalhos individuais encontraram no Museu o espaço necessário para respirar. As obras dos doze artistas, variadíssimos na sua experiência neoconcreta, não poderiam ter sido mais bem expostos. Também o catalogo foi concebido em pleno espírito neoconcretista.

Para compreender êstes artistas, deve-se deixar para trás todo vestígio não só do mundo real mas ainda do mundo emotivo. Se o figurativismo representava a realidade, e se o abstracionismo é uma expressão do mundo interior, o neoconcretismo criou uma nova realidade, a da forma absoluta.

Chegados a um mundo de pura visibilidade, a uma identidade entre o ser e o parecer, êstes artistas usam a geometria como simbolo e sinal. A geometria é representada por um ponto psicológico, imagens de imagens. Em certo sentido temos a impressão de encontrar-nos

É a nosso ver na fase do cubismo abstrato que Villon atingiu a expressão mais pura da sua arte. As formas geométricas são simplificadas como nos quadros "Espaço" e "Janelas". As formas luminosas são postas em estruturas geométricas. É dêsse perfeito equilíbrio de ritmo e volume que nascem trabalhos de beleza e harmonia quase clássicas. "Do tema, disse êle, deve-se tirar a forma e o volume, como de uma pedra se tira um diamante."

Nos seus "Grands fonds", a vastidão é dada por pouquíssimas formas geométricas que pousam com graça e simplicidade no espaço.

Justamente nisso consiste a grandeza de Villon: em ter usado meios de expressão que criaram, na arte moderna, um mundo, do qual desapareceram as dissonancias, um mundo de rosa e de azul, de formas geométricas, que se unem entre si, em vez de separar-se, um mundo em que o equilíbrio reina, e em que os elementos do céu e da terra giram harmoniosamente no cosmo.

Jacques Villon, no torvelim tumultuoso da arte moderna, é uma voz que ecoa com requinte, serena e cristalina. — LISETTA LEVI.

Exposições

GALERIA DE ARTE DAS FÓLHAS

Há muito tempo não nos sucede ver na Galeria de Arte das Fôlhas uma exposição em que os artistas estejam todos num excelente nível artístico. Dos quatro artistas expostos, alguns estão ainda presos à forma, os outros dissolveram a forma na cor.

Aldo Bonadei, cuja evolução artística vimos acompanhando há anos, alcançou, nestas últimas obras, uma forma imaginativa maior. O seu cubismo apurou-se, perdeu a rigidez e assumiu formas mais desembaraçadas. Os planos que se quebram e se interseccionam produzem uma irrequieta profundidade. Além disso, o azul e o amarelo prestam-se perfeitamente a exprimir essa atmosfera de inquietude: os planos avançam e retrocedem. Já quando o artista substitui o azul e o amarelo pelo rosa, a atmosfera torna-se açucarada.

Interessantes igualmente os novos experimentos de Bonadei, em que aplica fios de linha sobre os óleos, dando-nos um clima de folclore.

Abstratas, perdidas nos panoramas dos seus estados emotivos, são as obras de Yolanda Mohalyi e de Alberto Teixeira. Yolanda Mohalyi, conhecida pelos seus magníficos guaches, acrescentou agora aos seus óleos a riqueza cromática e a forma expressiva que adquirira nos primeiros. As suas côres atingem uma verdadeira orgia cromática. A sua pintura é vivida em cada pedacinho, nada é inserido. Estas paisagens do espírito ardem em crepúsculos de fôgo. São visões inquietas e pacatas a um tempo, ou melhor, o drama se dissolveu na vastidão. A areia aplicada sobre o óleo, de modo a criar um rélevo, parece brotar da própria pintura, e perde o caráter artificial que geralmente apresenta em outros artistas. Sendo êstes rélevos cromáticos, passam a fazer parte do quadro, e não vivem, como soe ocorrer, isolados.

Chegamos aqui a uma autêntica orquestração de côres e ritmos. Já chamei os quadros de Yolanda uma orgia pacata de côres, e foi

Extremamente delicados os trabalhos cromáticos de *Aluisio Carvão*: o equilíbrio das duas côres que êle usa é perfeito, e além liso há ainda uma humildade conferida pela infinita simplicidade da visão.

Lygia Pape escreveu um livro de criação, forjando um jôgo com os objetos em geral de duas côres.

Na escultura chamou-nos particularmente a atenção *Lygia Clark*, cujas esculturas em alumínio admiramos há poucos meses na Galeria Bonino do Rio. Nesta exposição, encontrando-se as esculturas mais ao alcance da mão do público, foi mais fácil entrar em direto contacto com elas e dar a cada uma infinitas formas novas. Lygia Clark disse-nos que são infinitas as formas que se podem dar a essas esculturas articuladas. O experimento desta artista é extraordinário, na medida em que captou o um e o múltiplo.

Surge naturalmente o problema de saber se a arte não deve fixar determinada forma, porém tal crítica poder-se-ia fazer a maioria dos trabalhos neoconcretos. Todavia é indubitavelmente extraordinária a riqueza inventiva de quem faz nascer simultaneamente infinitas formas. E a criação desta nova capacidade de transformação é um elemento novo na arte. Leves e espirituosas, baseadas num senso fundamental do eterno equilíbrio contico nas coisas e no mundo, são as esculturas de *Willys de Castro*. Um minúsculo quadrado amarelo é tirado da superfície amarela e pôsto na superfície azul, sôbre a qual por sua vez é aplicado um minúsculo quadrado amarelo. O equilíbrio assumiu um caráter brincalhão, abrindo ainda o caminho a ilusões óticas.

Dos trabalhos de *Helio Oiticica* impressionaram-nos sobretudo os cinco objetos pendentes que, iluminados por refletores, têm a leveza de uma dança aérea. Mesmo nas suas formas mais compactas, êste escultor tem um requintado senso da forma. Isto para citar apenas alguns dos artistas que mais nos chamaram a atenção.

Esta exposição é sem dúvida uma interessantíssima experiência, que tem um efeito libertador. Libertos de tôda emotividade, movemo-nos entre estas obras como num mundo novo, um mundo liberto de todo pêso terrestre. A experiência é semelhante à que se faz lendo os poemas de Christian Morgenstern. Em vez de afundar no nosso mundo emotivo, saímos livres: o que se abriu à nossa frente é um novo mundo, criado não pelo olho, nem pela emoção, mas pelo puro intellecto.

Zacharias Wagner



UMA das figuras mais interessantes da antiga história da arte brasileira é indiscutivelmente o alemão Zacharias Wagner, pintor amador e "escrivão doméstico" (i. é, ocupou o cargo de resposteiro) na corte do príncipe João Maurício de Nassau, Governador das colônias holandesas no Norte do Brasil, no século XVII.

Wagner nasceu, em 1614, na cidade de Dresden, filho de um juiz de paz e "supervisor da religião protestante". Aos 19 anos um forte desejo de conhecer terras distantes levou-o — com a devida aprovação de seus pais — para a Holanda, onde se alistou como soldado raso, para os serviços nas colônias holandesas do Brasil. Devido à sua boa

aqui no mundo das Idéias de Platão. Esta arte, como a definiu Piet Mondrian, é "uma desnaturalização das coisas."

"Os sentimentos subjetivos, escreveu êle, obscurecem a realidade; para criar uma pura realidade plásticamente, é necessário reduzi-la a elementos constantes de formas, e reduzir a côr natural à côr primária."

Também Kasimir Malewitch, criador do suprematismo, dera interpretação analoga no seu livro "O mundo não objetivo". E Max Bill escreveu; "Chamamos arte concreta os trabalhos que nasceram dos seus próprios meios e das suas próprias leis, sem inspirar-se em fenômenos naturais, ou cujas transformações não nasceram através das abstrações."

O que importa neste mundo é o simbolo: o artista não quer aqui libertar-se apenas da realidade objetiva, mas ainda do seu eu subjetivo. Entretanto, por mais que o sujeito queira libertar-se do sujeito, permanecerá sempre o espírito criador, o momento pessoal da invenção. Libertos do mundo afetivo, frequentemente os artistas, como vemos nesta exposição, exprimem-se através de uma brincadeira que é muitas vezes um simbolo.

Albertus Marques expõe como exemplo um quadrado: ao lado, um botão elétrico: ao apertá-lo aparece na tela, em caracteres luminosos, a palavra "Fim". A problematicidade da morte não existe, mas é apresentada com um sorriso. É bastante apertar um botão para que apareça a palavra "fim". Toda a complicação desapareceu.

O próprio espírito de graça inventiva, vemo-lo, nos "não-objetos" de *Osmar Dillon*. O mais delicioso dos seus trabalhos afigura-se nos "Lua". As duas letras L e A são fixas, enquanto o U é aplicado numa placa giratória. A brincadeira contém todo o lirismo da lua. Na base de todo "não-objeto" jaz, embora à primeira vista possa parecer uma piada, um profundo sentimento lirico, destacado do pêso terrestre. Podemos observá-lo ainda no seu "não-objeto" chamado "Século", uma caixa violeta, de onde brota um bola de borracha que gira, sem tirar nenhuma variação. Cada século parece seguir-se do mesmo modo. Em cada "não-objeto" o público deve participar não só contemplativamente, mas ainda agindo. Deve mexer bolas de borracha pôr em movimento as bolinhas do objeto que a primeira vista pode parecer uma mesa de bilhar, deve apertar botões elétricos.

O espectador não habituado a essa espécie de participação ficará imóvel, como perante uma porta para êle fechada.

Dramáticos na sua simplicidade os "não objetos" de *Ferreira Gullar*: um livro prêto fechado. Abre-se, levantando o quadrado pôsto no centro: alaranjado, numa côr totalmente negativa, está escrita a palavra "não", que é como um grito de revolta, que está dentro das coisas. Muito belo também o seu "Lembra", que parece coberto por uma pedra funerária, que corresponderia à concepção romantica do "Let it be forgotten". Em vez de uma sucessão de imagens e metáforas, uma só palavra.

Aliás é êsse também o método da poesia concreta.

Ótimos os quadros de *Hercules Barsotti*, que chega, nas suas grandes visões em branco e prêto, a dar-nos uma sensação de rotação.

Às vezes é como se uma superfície branca começasse a girar, fazendo entrever o fundo prêto. A rotação nos seus trabalhos é sempre equilibrada e harmoniosa. Enquanto os seus quadros anteriores baseavam-se ainda mais num momento rotativo, os de hoje nos dão o senso de uma rotação eterna, cristalizada.